Revista Espaço do Currículo
ISSN 1983-1579
Doi: 10.15687/rec
http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php

10.15687/rec.v19i3.79879
ARTIGO

REPERTÓRIOS CURRICULARES: CARTOGRAFIAS DE UM CONCEITO-VIDA EM (RE)CONSTRUÇÃO

CURRICULAR REPERTOIRES: CARTOGRAPHIES OF A LIFE-CONCEPT IN (RE)CONSTRUCTION

REPERTORIOS CURRICULARES: CARTOGRAFÍAS DE UN CONCEPTO-VIDA EN (RE)CONSTRUCCIÓN

Maristela de Oliveira Mosca[1] 0000-0002-8731-0372

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; maristelamosca@gmail.com

RESUMO:

Em um exercício narrativo que atravessa os fazeres docentes e as possibilidades outras de '*sentirpensarcriar*' uma escola nas/com/pelas artes, este trabalho assume a importância de enxergar e compreender os cotidianos e seus afetamentos nas/com as reinvenções cotidianas. Assim, este texto tem o objetivo de apresentar um ensaio para a construção do conceito-vida Repertórios Curriculares. O movimento, que assume a cartografia como metodologia, propõe acompanhar e fazer-se ao mesmo tempo em que se desmancha e se reconstrói. Nesse sentido, a cartografia não é uma metodologia que serve aos objetivos ou aos instrumentos, mas que se constitui na pesquisa, junto aos personagens conceituais – as professoras, as crianças, os teóricos – que atravessam nossos cotidianos em sons, imagens e movimentos. Nessa tentativa de cartografar os afetamentos das experiências, propomos como assertiva que os Repertórios Curriculares se (re)constroem a partir das redes tecidas, das linhas de fuga, das táticas, dos improvisos. Assim, ressignificam-se, modificam-se, desenham-se pela performance, pois os cotidianos produzem '*conhecimentossignificações*'. Assim, os Repertórios Curriculares constituem-se nos processos de identificação, tecem-se nas relações e nos '*sentirespensaresfazerescriares*' outros dos cotidianos – um movimento coletivo e dialógico.

Palavras-chave: repertórios curriculares; currículos cotidianos; conceito-vida; música e movimento.

ABSTRACT:

Through a narrative exercise that traverses the practices of teaching and the possibilities of '*feeling-thinking-creating*' a school in/with/through the arts, this work underscores the importance of perceiving and understanding everyday life and its affective dimensions within and through daily reinventions. To that end, this text aims to present an essay toward the construction of the life-concept Curricular Repertoires. The movement at stake, which embraces cartography as its methodology, proposes to accompany – and to become – while simultaneously coming undone and being rebuilt. In this sense, cartography is not a methodology that serves predetermined objectives or instruments, but one that constitutes itself within the research process, alongside the conceptual characters – teachers, children, theorists – who traverse our everyday lives through sounds, images, and movements. In this attempt to map the affective dimensions of experience, we propose that Curricular Repertoires are (re)constructed through the networks woven, the lines of flight, the tactics, and the improvisations that animate daily life. They are thus re-signified, transformed, and shaped

RECEBIDO: 31/07/2026 **APROVADO**: 11/10/2026 **PUBLICADO**: 17/11/2026

through performance, as everyday life produces '*knowledge-meanings*.' Curricular Repertoires are, therefore, constituted in processes of identification and woven through the relations and the '*feelings-thinkings-doings-creations*' of everyday life — a collective and dialogic movement.

Keywords: curricular repertoires; everyday curricula; life-concept; music and movement.

RESUMEN:

A través de un ejercicio narrativo que atraviesa los haceres docentes y otras posibilidades de '*sentirpensarcrear*' una escuela en/con/desde las artes, este trabajo asume la importancia de ver y comprender los cotidianos y sus afectamientos en/con las reinvenciones de lo cotidiano. En ese sentido, este texto tiene por objetivo presentar un ensayo para la construcción del concepto-vida Repertorios Curriculares. El movimiento, que asume la cartografía como metodología, propone acompañar y hacerse al mismo tiempo que se deshace y se reconstruye. En este sentido, la cartografía no es una metodología que sirve a los objetivos o instrumentos, sino que se constituye en la investigación, junto a los personajes conceptuales — las maestras, los niños, los teóricos — que atraviesan nuestros cotidianos en sonidos, imágenes y movimientos. En este intento de cartografiar los afectamientos de las experiencias, proponemos como asertivas que los Repertorios Curriculares se (re)construyen a partir de las redes tejidas, las líneas de fuga, las tácticas, las improvisaciones. Así, se resignifican, se modifican, se delinean a través de la performance, pues los cotidianos producen '*conocimientossignificaciones*'. De este modo, los Repertorios Curriculares se constituyen en los procesos de identificación, se tejen en las relaciones y en los '*sentirepensar-hacercreares*' otros de los cotidianos — un movimiento colectivo y dialógico.

Palabras clave: repertorios curriculares; currículos cotidianos; concepto-vida; música y movimiento.

Para início de conversa...

> Não é por me gavar mas eu não tenho esplendor.
> Sou referente pra ferrugem mais do que referente pra fulgor.
> Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.
> O que presta não tem confirmação, o que não presta, tem.
> Não serei mais um pobre diabo que sofre de nobrezas.
> Só as coisas rasteiras me celestam.
> Eu tenho cacoete pra vadio.
> As violetas me imensam.
> (Barros, 1997, p. 41)

Entre as vadiagens e as imensidões das violetas, arrisco-me neste trabalho, que se pretende um ponto e vírgula de meus estudos pós-doutorais[1]. Imersa em pesquisas com os cotidianos – movimento que, como afirmam Nóvoa e Finger (1988), é pesquisa e (trans)[2]formação – trago, nesta construção textual, os ensaios para a construção de um conceito.

[1] Pós-Doutorado realizado na Universidade Católica de Santos, como bolsista CAPES, contemplada no Edital nº 16/2022 – Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) – Pós-Doutorado Estratégico – Apoio a Programas de Pós-Graduação Emergentes e em Consolidação.
[2] Parênteses meus.

Ao investigar os processos de (re)construção dos Repertórios Curriculares[3] em contextos de ensino de música, experienciei os movimentos curriculares em uma perspectiva dialógica, lúdica e inclusiva na escola de educação básica, pelos movimentos, olhares e falas das crianças e das professoras.

E, nessas andanças investigativas, busquei, a partir de uma perspectiva outra, pesquisar, descrever, interpretar e sistematizar ideias acerca dos currículos cotidianos com a música e seus ensinos na escola de educação básica. Tal perspectiva compreende a ruptura com padrões tradicionais de investigação, de escrita e, especialmente, de (re)leitura e interpretação dos dados e achados. Encontrei, na cartografia, não uma metodologia que poderia servir aos meus objetivos e instrumentos. Como uma aprendiz de cartógrafa, precisei iniciar os caminhos da pesquisa para que os objetivos pudessem ser evocados, afinal, "[...] em uma ética cartográfica, interessa-nos menos o domínio do ser, do estado das coisas, e mais a do vir-a-ser, suas potencialidades em termos de afetação e transformação" (Costa, 2020, p. 29).

E, nesse intenso desapego ao desnecessário, inspirei-me, transpirei, (trans)formei-me nesse percurso, acompanhada de diferentes personagens conceituais, afinal, corroborando com Andrade, Caldas e Alves (2019, p. 28), não é sobre "'descobrir fontes' já postas à nossa espera". Mergulhar nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos é interferir "[...] nos processos que desenvolvemos, nas escolhas temáticas que fazemos, nos movimentos com que trabalhamos" (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 29). E, assim, rabisquei trajetos, brinquei de compor, desejei encontros, surpreendi-me, decepcionei-me, improvisei e, acima de tudo, experienciei formas outras de '*aprenderensinar*'[4] música. Vou desenhando enquanto a pesquisa se movimenta.

> Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (Rolnik, 2011, p. 23).

Nesses afastamentos de fórmulas de "como fazer", assumo a importância de enxergar e compreender os cotidianos em que perambulo e seus afetamentos nas/com as minhas reinvenções. Se a pesquisa se faz com a pesquisadora, ela se constitui e se retroalimenta nos

[3] Projeto de Pesquisa vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – "Repertórios Curriculares: processos formativos com crianças e professoras nas/com/pelas artes" / PVN22993-2024. CAAE 83143624.0.0000.5292.

[4] Trago, inspirada em Alves (2024), a escrita dos termos, dicotomizados e complementares, entre aspas simples e em itálico.

'*espaçostempos*' habitados por mim em diferentes momentos. A ambiência da escola; os grupos de pesquisa; os momentos de estudo – eu, meus personagens conceituais e os livros dispostos; as conversas com os coletivos a que pertenço; os tantos quilômetros pedalados, que dão sentidos outros às minhas percepções; a conversa despretensiosa na mesa, na sala, no bar... Pesquisar com os cotidianos é também me (re)encontrar com diferentes movimentos que dão sentido à minha pesquisa. É assumir que "[...] muitas coisas de nossas vidas e da sociedade se resolvem na imensidão das incontáveis e incomensuráveis relações que os seres humanos estabelecem nas tantas redes educativas que formamos e que nos formam, permanentemente, nos cotidianos" (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 24).

Nesses processos formativos, trago recortes de experiências que constituem meus estudos e que permitem a construção desse conceito-vida – Repertórios Curriculares. O lócus, assumindo os cotidianos perambulados como atores desses processos, é o Laboratório de Música e Movimento do Núcleo de Educação da Infância-Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAp/UFRN). O laboratório é chamado de sala de música, de lugar das rodas, de sala dos instrumentos... lugar de experiências materializadas sonoramente em nossas rodas de música. Atentar para os sons, as imagens, os afetamentos, enfim, as miudezas desses percursos, foi o desenho metodológico que busquei no decorrer dessa investigação, afinal, eu canto enquanto falo, falo enquanto canto – uma roda cheia de sons.

Trabalhamos coletivamente, com as professoras[5] – em formação universitária e de pós-graduação e em exercício – e as crianças. A pesquisa não se constitui uníssona, é polifônica e apresenta uma cadência própria, a cadência dos encontros. Assim, constitui-se no trabalho diário, nos encontros, nas rodas de música, nas rodas de conversa, nos estudos sistematizados.

E, nesses encontros, também cavuco meus sentidos e minha indignação em relação à constituição dos currículos, não me conformando com normativas impostas e reguladas por sistemas de controle e avaliação, com o objetivo de fortalecer a lógica mercadológica da educação das infâncias. Assim, assumo minha resistência com uma Base Nacional [que se diz] Comum Curricular, constituída para ser aprovada "a toque de caixa" e coadunar com referências mercadológicas de uma educação rasa e não reflexiva. Um documento que se coloca como dinâmico e dialógico, mas que confirma sua pauta em competências e habilidades

[5] Nas escritas, inspirada em Andrade, Caldas e Alves (2019), optei por grafar *professoras*, no feminino, em uma perspectiva de linguagem inclusiva, visto que, nos encontros formativos, nas rodas, nas conversas, no exercício diário, as professoras estão em maioria.

> [...] que lastreiam uma educação pautada na meritocracia, na individualização e, consequentemente, na formação de mão-de-obra barata para empregos precários, característicos de sociedades (neo)capitalistas, (neo)liberais, (neo)conservadoras e (neo)fascistas (Dutra-Pereira; Tinôco, 2022, p. 3).

Trazer sonoridades, narrativas, experiências e afetamentos que constituíram as pistas investigativas – em diálogo com diferentes personagens conceituais – é uma pretensão dialógica para a constituição do arcabouço teórico-metodológico desse conceito-vida. E, ao me lançar nessa aventura conceitual, busco também romper com uma proposição de escrita homogênea, propondo-me a uma organização outra, de recortes escritos, materializações de um '*sentirfazerpensarcriar*' com/na/para a educação com as artes, especialmente com a música. Trago perspectivas de Música e Movimento e, assim, pretendo, mais que contribuir com/para a área de conhecimento a que me dedico, expandir minhas percepções, como '*praticantepensante*' que abre a roda e brinca de ensinar música.

Subo nesse palco, minha alma cheira a talco[6]: vida antes do conceito

O frescor de adentrar a escola, seus cheiros, sabores e cores, conta histórias pelo meu corpo. Foram tantos – e ainda são – os caminhos buscados, traçados, percorridos e pausados que marcaram/marcam meus repertórios. Se antes minha sede era pela busca do repertório perfeito, no qual pudesse anotar, passo a passo, em meu caderno ricamente cuidado e adornado por tantas cores de canetas, para que eu não *me perdesse* nas anotações, nas certezas, no cumprimento do meu repertório, desejo agora me perder em meio à consciência da (des)(re)construção, pelos '*saberesfazeres*' que corporalizo ao longo desse tempo.

Chego desnuda, eu e minhas tatuagens corporalizadas, na tentativa de cartografar os afetamentos das experiências que me atravessaram. Àquelas que me fizeram crescer, nas delícias dos amores, nas dores ou na resiliência, meu eterno agradecimento. Nesse meu despir, busco rascunhar um conceito que experiencio, mesmo quando ainda de forma inconsciente, desde que assumi o palco pela primeira vez, ainda criança, estendendo panos pela área de serviço da casa onde nasci e vivi grande parte da vida. Esse caminhar-vida foi atravessado pelos acordes e harpejos que se transformavam em melodias ao piano, a que me dediquei em estudo, em performance, em ensino, por boa parte do viver. Foi também quando me aproximei de '*espaçostempos*' outros, permitindo-me, com crianças e professoras em formação, as artes de '*aprenderensinar*' música. A sala da minha casa e seu piano, a sala do Conservatório de Música,

[6] Gil (1981).

o palco, as crianças nos cotidianos escolares, as professoras em formação: tantas andanças pela música, seus ensinos e as artes nas escolas.

Sou aquela que me (des)(re)construo diariamente, na mistura e nos traços da menina magrela e falante que, lá do interior paulista, aprendeu a admirar a contemplação da solitude desde muito cedo; daquela que brincava ao piano em melodias inventadas, com a mesma emoção com que criava palavras em poemas e cartas; a menina que chorou de amores, que (desen)cantou, suportou, se apaixonou; a adolescente que a docência encontrou, com olhos brilhantes, mesmo diante das incertezas, desânimos e desafios; a mulher que se torna mãe todos os dias, pensando em fazer melhor diante da mãe que pode ser; a mulher que ama, se entrega, que abandona, mas que traz as dores e delícias de ser quem se é, de respeitar suas marcas, de louvar a quem veio antes. Aprecio as palavras de Piorski (2025, p. 97):

> Manoel de Barros poetiza a solidão da criança. Extrai de sua própria condição de menino pantaneiro solitário por entre rios e pássaros a dimensão real do quanto a memória pode se intimar do ser, e diz: "o abandono me protege". Nesse abandono do brincar solitário, foi capaz de guardar, incrustar sua poesia de inversão imagética, declaradamente tirada das impressões de seu tempo de criança. Quanta maturidade calcada no ermo de sua própria infância vive o poeta em seus versos!

Desde as lembranças das infâncias, meus repertórios foram se constituindo em repertórios-vida, que marcaram cada trecho percorrido, cada decisão tomada, cada desejo acolhido, cada música ensaiada – cada performance. E, dentro desses desejos, as reflexões e os escritos mais estruturados vieram quando "[...] aceitei o desafio de dissertar sobre uma práxis educativa que vai além do ensinado" (Mosca, 2009, p. 166), trazendo um fazer musical que se anuncia como inventivo e curioso, num papel que assumi como cirandeira para a vida, uma vida de alegria na escola. Nesses rabiscos, os repertórios das rodas de música, da brincadeira musical, do jogo da criação, se corporalizavam – e ainda hoje se fazem – em minhas ações.

Caminhos não lineares, horas de brisa do mar, horas de furacão, horas de fogo que arde. Então, desterritorializar e perder a pele, para outra nascer... e... e... deixar aquele que era o território em que já não me reconhecia, pois "[...] enquanto se está vivo não se para de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros" (Rolnik, 2011, p. 49).

Ressignificar-me além-mar para abandonar verdades absolutas. Imersa em uma investigação-vida acerca das perspectivas de (re)construção curricular do ensino de música, mergulhei em um pensamento metafórico para desenvolver e apresentar um "movimento jazzístico", que pretendeu articular as "narrativas dos processos" de '*aprenderensinar*' música

na escola (Mosca, 2018, p. 211). Ao sustentar em mim e nos meus movimentos de desterritorialização e (re)territorialização, apostei nos atores curriculares, que assumi como aqueles que definem e praticam os currículos. Assim, defendi a tese de que o "Currículo como Jazz é um campo em movimento dialógico e improvisacional" (Mosca, 2018, p. 214).

Tantas andanças foram possíveis ao assumir as linhas de fuga como possibilidades para o fluir. Ao desenhar esse conceito-vida, busco também romper com estruturas e padrões estabelecidos (Deleuze; Guattari, 2011). Ao rabiscar os atravessamentos que surgem, cotidianamente, em mim, nas professoras, nas crianças, compartilho diferentes '*conhecimentossignificações*'.

Nesse exercício, o conceito-vida busca "[...] capturar intensidades, dar visibilidade à dinâmica micropolítica de um campo social" (Greggio; Dellasta, 2020, p. 127). Mas encaro a constituição de um conceito sem a ilusão de criação da obra. Concordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 20), que afirmam:

> Os filósofos não se ocuparam o bastante com a natureza do conceito como realidade filosófica. Eles preferiram considerá-lo como um conhecimento ou uma representação de dados, que se explicam por faculdades capazes de formá-lo (abstração ou generalização) ou de utilizá-los (juízo). Mas o conceito não é dado, é criado, está por criar; não é formado, ele próprio se põe em si mesmo, autoposição. [...] Tanto mais o conceito é criado, tanto mais ele se põe.

Enquanto ensaio esse conceito-vida, sou afetada também pelos/nos/com os processos de (re)construção de repertórios das professoras e das crianças. Nesse movimento de criação e improvisação, coletivamente, com-pomos uma variedade de performances, em movimento dos/nos/com os cotidianos.

Desloco o termo repertório do campo da música. Ele traz uma coleção/um conjunto de obras, selecionadas e organizadas pelo músico ou coletivo. Tal coleção/conjunto corporifica a personalidade do músico – seja ela de inspiração identitária ou mercadológica. Os repertórios personificam os cotidianos e, "assim como os músicos, as professoras se encontram em meio a diferentes possibilidades", dos processos de identificação "às necessidades financeiras de submissão ao mercado. Do artistar ao repetir padrões. Do repetir padrões às linhas de fuga" (Mosca, 2026, no prelo).

> [...] será que estamos dispostos a enxergar as entrelinhas, escutar as dissonâncias e *'fazerpensar'* as escolas e os currículos como linhas de fuga às normas e imposições hegemonicamente estabelecidas? Como fazer das salas de aulas *'espaçostempos'* de afecções e travessias? (Malheiros, 2023 *apud* Malheiros; Teixeira; Rocha, 2025, p. 65).

E que possibilidades outras podemos tatuar nesses processos de (re)construção curricular? Como os '*espaçostempos*' podem ser (re)construídos a partir das atenções às miudezas cotidianas? E o mercado? Como rasgar, como '*praticantespensantes*', normativas homogeneizadoras que buscam ainda validação pela igualdade?

Assim, vejo que, ao iniciar essa investigação, o eu se misturava aos tantos outros – investigar é sermos nós. Os cotidianos das rodas de música, as rodas de conversa, os grupos de estudos, os cursos de formação, as aulas iam constituindo possibilidades, maneiras próprias de (re)construção de repertórios. Mas, para a compreensão e a co-criação desse conceito-vida, qual o meu papel?

Ao escolher acompanhar processos e "defender que toda pesquisa é intervenção", já que "[...] exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga" (Passos; Barros, 2020, p. 30), mergulho em águas profundas, com as professoras, com as crianças, com a música, com o movimento, com as imagens, com... com... com...

E, nessas composições interventivas, vou me (re)construindo na pesquisa, a partir dos feitos e narrados, mas também, e especialmente, dos sentidos, das diferentes táticas. Afinal, o que considero, valorizo, escolho ao performar? E minhas escolhas, como são transformadas em atos performáticos? Sobre improvisar na performance... sobre (re)construir repertórios.

Charles Tilly (Alonso, 2012; Pereira; Silva, 2017) anuncia os movimentos dos repertórios, que se reconectam, transmutam e, dessa forma, afetam nossas performances. Nesse sentido, nesses movimentos de fluxo, de crise e de expansão, interessam-me os movimentos performáticos e suas transmutações.

Os '*espaçostempos*', as necessidades, as demandas e os desejos se modificam; assim, os repertórios são (re)construídos. Todo repertório corporalizado é permeado de sentidos e significados. Mesmo que a professora discorde da prescrição, compreende/acata os significados de tais escolhas – que muitas vezes não são suas. Ingênuo afirmar que os repertórios são somente adaptados ou copiados. Todo decalque toma forma única ao ser tatuado (Mosca, 2026, no prelo).

Nesses caminhos formativos, chegando aonde "o povo está", minhas táticas de

'*práticasteorias*' foram/vão se constituindo na medida em que rasgo e costuro repertórios, num caminho de ventos e areias no rosto, de chão – os cotidianos escolares. Como '*praticantepensante*' nos processos de aprendências e ensinâncias, meu chão já foi a sala da minha casa, a Escola Especializada de Música, a Escola de Educação Básica (públicas e privadas), a Universidade e suas proposições de educação básica, graduação, pós-graduação e formação docente, e as Organizações Não Governamentais. Se tem crianças, tem professoras, tem gente disposta a '*aprenderensinar*' música, lá estou, desde sempre, porque, desde sempre, foi um bem-querer ser professora. (Trans)formei-me e ainda me (trans)formo assim, reconhecendo-me na incompletude, misturada aos desejos e às lembranças de criança. Como anuncia Paulo Freire (1991, p. 58), desde menina eu também tenho "[...] certos gostos, certas preferências por coisas, ou formas de ser, ou de dizer, ou de fazer que, de vez em quando, ou quase sempre, coincidem com a natureza de certos quefazeres, como o educativo, por exemplo".

A minha alma repleta de chão constitui meus repertórios. '*Sentirfazercriar*', a busca incessante pela formação, por repertórios que me afetem e atravessem os sentidos. Os '*saberesfazeres*' permeados pelos diálogos, pelas improvisações... a construção das identidades... eu... professora... mulher... mãe... amiga... amante...

Proponho-me a dar forma a um constructo possível para esse meu tempo, que procura marcar minhas trilhas por cá e por lá, meus mergulhos nas experiências. Expandir meu universo investigativo, problematizar com/na escrita, pensar, compreender, dedicar-me a "[...] um gesto que interrogue nossa própria forma de habitar os territórios da pesquisa e, principalmente, nossa singular maneira de expressar o mundo que produzimos a partir dela" (Ribetto, 2025, p. 83).

Assim, esse conceito-vida vai tomando forma [?], a partir das minhas inquietações, dúvidas, acertos e desenganos. São "[...] narrativas de formação como movimento de investigação-formação" (Souza, 2006, p. 23). Ao assumir a pesquisa com os cotidianos, aprendo a vasculhar nas memórias, nas narrativas, nas "[...] buscas por conhecer os efeitos das práticas entre as pessoas, no permanente '*fazerpensar*' que realizam nos cotidianos" (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 33). E esses efeitos também se corporalizam em mim, afinal, eu também narro para me lembrar – de onde eu vim, por onde passei, o que construí. Nesse contexto,

> Recriar um fato passado dando a ele outros contornos, sentidos e desdobramentos é um ato próprio ele mesmo de criação das alternativas e possibilidades, sejam elas de problematizar o acontecido, sejam elas de destacar saberes envolvidos em saberes e provocações de *'fazeressaberes'*[7] (Garcia; Rodrigues; Emilião, 2019, p. 126).

[7] Aspas simples minhas.

Vou te contar, os olhos já não podem ver[8]

Nesse percurso investigativo, as perguntas transitavam nos pensamentos e, neles, tomavam corpo de conhecimentos, de resoluções, de novas perguntas. Pude compreender, por meio das narrativas docentes, por meio da minha escuta disponível, por meio das minhas experiências, que as "maneiras de fazer" (Certeau, 2014, p. 87), as invencionices, as linhas de fuga são táticas criadas artisticamente pelas professoras – as improvisações.

Os estudos das narrativas produzidas nas conversas com alunos e professores, que recuperam a autoria docente como um aspecto constitutivo do fazer profissional do professor e, portanto, fundamental de ser garantido legalmente, contribuem para a desinvisibilização das invenções das práticas e dos sentidos de docência (Garcia; Rodrigues; Emilião, 2019).

Nossas rodas/janelas[9] de conversa nos levaram a criar sentidos, a produzir efeitos, a ressignificar crenças e práticas. E, nesses processos de (auto)(trans)formação, vou me (des)(re)construindo, como pesquisadora, como professora, como gente que sou. Enquanto o conceito-vida se desenha, vamos produzindo conhecimento, já que as narrativas que emergem em nossas rodas/janelas de conversa instauram

> [...] dinamismo na negociação de sentidos, nas relações dos sujeitos com o mundo, em modos próprios de perceber o mundo em permanente movimento, que mobiliza as criações, amplia compreensões, relativiza posições arraigadas ou hegemônicas, deixando circular uma pluralidade de '*saberesfazeres*'[10] (Emilião, 2023, p. 246).

Afinal, é atentar para as miudezas dos cotidianos, para as belezuras e os encantamentos dos processos. É perceber o quanto é *difícil a gente desacelerar e perceber o que está acontecendo ao nosso lado*[11]. É também reconhecer nossos '*espaçostempos*' de criação, de invencionices e de afetos, pois observar as crianças *produzindo é uma descoberta tão única.*

Os Repertórios Curriculares se (re)constroem a partir das redes tecidas, das linhas de fuga, das táticas. É se permitir perder o controle, ao assumir que, sim, um modo outro é possível, afinal, não somos telespectadoras, mas '*praticantespensantes*', num universo de possibilidades, de novos caminhos. Logo eu, que *achava que sabia tantos caminhos, mas ontem descobri um caminho diferente*.

[8] Jobim (1967).
[9] Chamo de rodas/janelas de conversa pelo caráter – ora presencial, ora remoto – de nossos encontros.
[10] Grifo meu.
[11] É minha opção metodológico-cartográfica, neste texto, não colocar nomes nas professoras, mesmo que fictícios. Com isso, tenho em vista uma linguagem mais fluida, que possa, a partir de seus efeitos, produzir sentidos, e não com foco em quem falou e no que falou, destacando suas falas em itálico.

Encontrar linhas de fuga, parar de *tentar controlar a sala de aula, tentar controlar as crianças, mas fugir um pouco dessa regra de sempre fazer a mesma coisa. Vai ser sempre o* [mesmo] *planejamento, sempre do jeito que eu penso e não como as crianças pensam*. É viver o momento – mesmo que a aula continue a contar pelo relógio –, experienciar esse tempo de outras formas, em performances outras.

Os repertórios se ressignificam, se modificam, se desenham pela performance. Quero (re)inventar os cotidianos, despindo-me e descobrindo-me nos encantamentos das miudezas. Fios que se tecem – em sons, em imagens, em materialidades e afetos. São fios que tecem as identidades docentes. Os Repertórios Curriculares se constituem nas identidades, tecem-se nas relações e nos '*fazerpensarcriar*' outros dos cotidianos.

Como recebo minhas crianças, como oriento que se organizem em sala, as marcações do meu tom de voz, das músicas que predileto cantar, do que seleciono. Os Repertórios Curriculares se (re)constroem nas seleções, nas escolhas. Não é sobre '*serfazer*' isto ou aquilo, é sobre escolher a partir dos tempos, das necessidades, dos desejos e anseios. É sobre respeitar o movimento das identidades individuais, culturais e sociais.

Somos caçadores de frestas e, nessas frestas, os Repertórios Curriculares se com-põem. Os olhares, as miudezas e os fios tecidos coletivamente nas sonoridades diversas, nos silêncios escondidos, nas descobertas (re)veladas. Os repertórios vão se constituindo individualmente, mas se constroem coletivamente, nas relações.

Então, ensaio assertivas que, nessa proposição, não se pretendem verdades únicas, nem mesmo o encerramento deste assunto. Assim, trago algumas questões para que eu possa constituir um escopo teórico-metodológico, tendo os currículos cotidianos como campo epistemológico e a cartografia como opção metodológica para, a partir das conversas e narrativas, estudar, invencionar e com-por uma escola nas/com/pelas artes, junto às professoras e às crianças que caminham comigo, acompanhada de meus personagens conceituais.

São as tessituras de um trabalho em que não temos um ponto final. São os pontos e vírgulas que dimensionam nossos escritos. E me encontro nos cotidianos escolares como o músico que se prepara e inicia sua performance. O cantor, o músico, geralmente, têm seu repertório escolhido para a ocasião, desenhado, muitas vezes, colado ao chão, para que o visualizem com tranquilidade. Sejam escritos, rabiscos ou teleprompter, os repertórios são desenhados a partir de processos de experiências cotidianas, de produção de identificação, de escolhas. Assim, (re)construo e (re)desenho meus repertórios.

Os Repertórios Curriculares, ao contrário do discurso que a cultura escolar dissemina,

não são constituídos a partir das normativas ou dos sistemas de controle, mas, sim, pelas linhas de fuga. Linhas de fuga das criações artísticas com os sons, com os movimentos, com as imagens, com os afetos dialógicos. As normativas dizem. Mas os cotidianos desdizem. Os livros didáticos têm páginas marcadas. Mas os cotidianos pulam páginas, rasgam folhas. As plataformas imprimem as competências – gerais e específicas –, os direitos, os objetivos, as notas e as classificações. Mas os cotidianos tatuam as dificuldades dos processos, os encantamentos das descobertas, as belezuras das miudezas cotidianas. Isso não se plataformiza, isso se experiencia. As experiências cotidianas produzem '*conhecimentossignificações*'.

As linhas de fuga se entrelaçam nos improvisos. Quando defendi, em minha tese de doutorado, um Currículo como Jazz – um currículo dialógico e improvisacional –, já trazia a concepção de improviso não como um momento de não saber o que fazer e assim posso fazer qualquer coisa, mas sim como

> O momento de salto autônomo [...], o momento de expor aquilo que já sabe, demonstrar avanços, contar uma história, de encontrar sua própria voz. Mais que uma performance brilhante ou virtuosa, é sobre mostrar e exercitar a maneira como já sabe fazer, e ouvir o outro, e fazer-se ouvir (Mosca, 2018, p. 84).

Por fim, busco compreender que os Repertórios Curriculares se constituem nos processos de identificação, tecem-se nas relações e nos '*sentirespensaresfazerescriares*' outros dos cotidianos. E, nesse ponto e vírgula, (re)vejo questões de pesquisa que moveram/movem tantos caminhos, questões que surgem no meio dos caminhos, rascunhos de respostas que se desdobram em outras questões, porque o que me move são os questionamentos, o não saber, o cavucar, o refletir.

Encontrar verdades não me interessa. Encontrar repertórios marcados em folhas amareladas, de tanto uso e pouca reflexão, também não me interessa. Interessam-me os sons que as crianças produzem, seus sorrisos nas descobertas, as cambalhotas, suas "mentiras sinceras" e suas com-posições em movimento. Interessam-me as conversas com as professoras, as discussões acaloradas, as risadas espontâneas e as lágrimas insistentes. Interessa-me a (re)construção de Repertórios Curriculares em movimento coletivo.

Porque "fundamental é mesmo o amor. É impossível ser feliz sozinho"[12]

[12] Idem nota 8.

Referências

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Revista Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012. DOI: 10.1590/2238-38752012v232. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sant/a/vfhGhRrJCdbfGvvV3GG9wDJ/?lang=pt. Acesso em: 30 abr. 2022.

ALVES, Nilda. Ainda disciplinas? Por quê? – Pensar essas questões com os cotidianos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 19, e23372, p. 1-11, 2024. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.19.23372.063. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/pt_BR/article/view/23372/209209218792. Acesso em: 15 mar. 2025.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas 'conversas' acerca deles. *In:* OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, Pelotas, v. 2, n. 15, p. 10-35, 2020. DOI: 10.15210/p31.v2i15.20997. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997/12946. Acesso em: 22 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 2.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton. #BNCC: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no Twitter. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 1-7, 2022. DOI: 10.15687/rec.v15i2.62654. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62654. Acesso em: 23 jul. 2023.

EMILIÃO, Soymara Vieira. Narrativas docentes. *In:* REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023. p. 244-250.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GARCIA, Alexandra; RODRIGUES, Allan; EMILIÃO, Soymara. Pra começo de conversa e um "café": currículos e processos formativos com-partilhar fazeressaberes. *In:* OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 113-128.

GIL, Gilberto. Palco. *In:* GIL, Gilberto. **Luar (A Gente Precisa Ver o Luar)**. Rio de Janeiro: WEA, 1981.

GREGGIO, Eloisa Navarro; DELLASTA, Hugo Geppe. Possíveis contribuições da cartografia ao paradigma ético-estético-político. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 19, n. 1, p. 123-134, 2020. DOI: 10.5935/1984-9044.20200009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198490442020000100009. Acesso em: 15 ago. 2025.

JOBIM, Antônio Carlos. Wave. *In:* JOBIM, Antônio Carlos. **Wave**. New York: A&M Records, 1967.

MALHEIROS, Talita dos Santos; TEIXEIRA, Eneida Leão; ROCHA, Renata. Artes nos levam para além das disciplinas pelos afetos, estéticas e poéticas. *In:* CARVALHO, Janete Magalhães; ALVES, Nilda Guimarães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (org.). **Corpos, afetos e artes:** para uma educação do sensível no cotidiano escolar. Itapiranga: Schreiben, 2025. p. 62-73.

MOSCA, Maristela de Oliveira. **Como se fora brincadeira de roda: a ciranda da ludopoiese para uma educação musical humanescente**. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/0073c402-0bf4-43b1-b913-ae97a7d36e5a/content. Acesso em: 15 ago. 2025.

MOSCA, Maristela de Oliveira. **Currículo como jazz: perspectivas inclusivas e interdisciplinares na construção curricular do ensino de música em uma escola de educação básica brasileira**. 2018. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2018. Disponível em: https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/31af7b52-f2b2-4507-9f79-d233fc74d9dc/content. Acesso em: 15 ago. 2025.

MOSCA, Maristela de Oliveira. "Somos caçadores de frestas": redes tecidas na (re)construção dos repertórios curriculares. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS, 13., 2026, Rio de Janeiro. **Anais [...]**: 25 anos entre memórias e confluências no (im)possível. Rio de Janeiro: [s. n.], 2026. No prelo.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde, 1988.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 17-31.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Ação contenciosa: repertórios, táticas e performances. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., 2017, Brasília, DF. **Anais eletrônicos** [...]. Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34257446/. Acesso em: 16 nov. 2026.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão:** a natureza, o imaginário e o brincar. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2025.

RIBETTO, Anelice. **Uma abertura para UM modo de pesquisar outro:** entre redes, problemas e escritas na diferença. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285. Acesso em: 11 mai. 2026.

SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)

Maristela de Oliveira Mosca. Doutora em Educação pela Universidade do Minho, Portugal. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/9283862894499360.

Como citar

MOSCA, Maristela de Oliveira. Repertórios curriculares: cartografias de um conceito-vida em (re)construção. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 19, n. 3, e79879, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i3.79879